



O GÊNERO MUXE E SUA SUBVERSAO À LÓGICA COLONIAL DE GÊNERO/SEXUALIDADE

Aline de Oliveira Rosa*

Resumo:

As sociedades originárias Abya Yala compreendiam o gênero de forma não binária, um transitar entre ‘estar’ masculino ou ‘estar’ feminino, ou entre outros. Utilizo o verbo *estar* e não o verbo *ser*, descrevendo a dinâmica nestas sociedades. Antes mesmo de Butler e autores pós-modernos trazerem o termo *queer*, performatividade de gênero, as narrativas indígenas e suas concepções de mundo já carregavam uma fluidez de gênero e sexualidade. É importante destacar que as culturas e tradições dos povos Abya Yala são diversas, contém singularidades únicas, minha intenção não é generaliza-las, mas apresentarei alguns aspectos sobre gênero/sexualidade dos muxe no México.

Palavras-chave: gênero, sexualidade, não-binariedade, muxe, Abya Yala.

THE GENDER MUXE AND ITS SUBVERSION TO THE COLONIAL LOGIC OF GENDER/SEXUALITY

Abstract:

The original Abya Yala societies understood gender in a non-binary way, a transition between ‘being’ masculine or ‘being’ feminine, or between others. I use the verb *estar* and not the verb *ser*, describing the dynamics in these societies. Even before Butler and postmodern authors introduced the term *queer*, gender performativity, indigenous narratives and their conceptions of the world already carried a fluidity of gender and sexuality. It is important to highlight that the cultures and traditions of the Abya Yala people are diverse, contain unique singularities, my intention is not to generalize them, but I will present some aspects about gender/sexuality of the muxe in Mexico.

Keywords: gender, sexuality, non-binary, muxe, Abya Yala.

“Somos como um entardecer sem óculos de sol”, dizia Tia Encarna. ‘Nosso fulgor cega, ofusca aqueles que olham para nós e os assusta.’”

(Camila Sosa Villada¹)

* Professora e pesquisadora da Escola Politécnica da FIOCRUZ. Doutora em Filosofia pela UFRJ-PPGF, linha de pesquisa em Gênero e Sexualidade Afro-ameríndia, com o título da tese "Imaginários, práticas e experiências de gêneros e sexualidades decoloniais afro-ameríndias não binárias".

¹ *O Parque das Irmãs Magníficas*, 2022, p. 135.



“Como não acreditar em mágica após testemunhar o milagre da existência travesti?”
(Amara Moira²)

Entre a tradição e a contemporaneidade, o gênero muxe é considerado também como transgêneras zapotecas³: as⁴ muxes; ou mesmo, como mencionam alguns autores, os homossexuais⁵ zapotecas, que se encontram na cidade de Juchitán de Zaragoza, no Istmo de Tehuantepec, no sul do estado de Oaxaca do México, quase na fronteira com a Guatemala. Para compreender o gênero muxe, é necessário compreender o contexto histórico-geográfico de Juchitán e do Istmo de Tehuantepec, a língua zapoteca, a função do comércio para esse povo, os sistemas religiosos e de devoção, o sistema de festas, o vínculo comunitário e de parentesco, o orgulho e, como diz Luanna Barbosa (2016), a fofoca. Isso para que consigamos enxergar as muxes de maneira mais profunda, sem resultar em um tipo de leitura que enfoque apenas o gênero como componente do sujeito. Meu trabalho como pesquisadora em filosofia não é me aprofundar antropologicamente na cultura zapoteca, nem muito menos desenvolver um trabalho sociológico, mas minha intenção é trazer alguns aspectos sobre as muxes que nos ajude a pensar em saídas para a discussão sobre gênero e sexualidade, apresentando, portanto, a cultura das muxes como contra-proposta ao modelo cis-gênero-hétero-hegemônico colonial e binário.

² *O Milagre da Existência Travesti*, 2022, p. 9.

³ Os zapotecas (que se tem dados a partir de 700 a.C.) são um povo nativo do Sul do México que, a partir do século IV, ocupou a região do México situada entre o istmo de Tehuantepec e Acapulco, fixando-se posteriormente em Oaxaca. Actualmente as línguas zapotecas constituem uma família de 15 línguas diferentes que se encontram em perigo de cair em desuso. O sítio arqueológico zapoteca na antiga cidade de Monte Albán edifícios monumentais, quadras de bola, túmulos magníficos, além de joias de ouro finamente trabalhadas. Monte Albán foi uma das primeiras grandes cidades da Mesoamérica. Era o centro de um Estado zapoteca que dominava grande parte do território que hoje é conhecido como o estado de Oaxaca. (Disponível em: https://www.homines.com/arte/cultura_zapoteca/index.htm. Acessado: 13/07/2023)

⁴ Estou empregando o pronome a(s)/dela(s)/ela(s) para se referir as muxes por se tratar de transgêneras zapotecas, apesar de algumas autoras chamarem de ‘terceiro sexo’ ou ‘os homossexuais zapotecas’ e utilizarem os pronomes masculinos o(s)/dele(s)/ele(s), ou seja, ‘os muxes’. Isso porque entendo que a transgeneridade das muxes associada à suas vestimentas e funções e estando sempre associadas ao feminino e/ou ao papel da mulher na sociedade de Juchitán, mesmo que, como veremos, existem muxes-homens e muxes-mulher. Como também diz a pesquisadora Barbosa em nota: “De modo geral, as muxes preferem ser tratadas no feminino (...) Entretanto, as pessoas mais velhas, principalmente pais e tios, quase sempre tratarão as muxes no masculino e utilizando seus nomes de registro civil. Muxes vestidas de homem tendem a ser tratadas no masculino.” (BARBOSA, 2016, p. 10)

⁵ Apesar desse termo ser muito discutido, porque nem toda muxe é homossexual, ou seja, que tem atração e/ou se relaciona sexualmente com um par igual do mesmo sexo.



O Istmo é a zona mais estreita da América do Norte - mas considerado um país pertencente ao grupo latino americano -, com clima tropical, quente e seco. É uma região inter-étnica onde convivem grupos cultural e linguisticamente diferentes, mas que se relacionam por comércio desde o período colonial. A população de Juchitán é próxima a 100.000 habitantes (INEGI, 1990), e os zapotecas constituem o maior grupo étnico do estado de Oaxaca, 73% da população fala zapoteca e 85% também sabe falar espanhol. “A língua zapoteca do Istmo é o didxazá (didxa: ‘palavra’; zaa: ‘nuvem’), da família zapoteca do grupo linguístico otomange” (SUÁREZ; MIANO, 2008, p. 168). Segundo os censos de 1990, o setor primário ocupa 23% da economia do município, o secundário ocupa 30,9% e 43% é dedicado ao setor terciário. “O núcleo familiar dominante é trigeracional e as relações de parentesco têm funcionado como um mecanismo de amortecimento das diferenças econômicas e sociais” (MIANO, 2002, p. 15). Desde o século passado ganhou grande importância geopolítica por seu privilégio de comunicação inter-oceânica, se tornando uma grande capital nacional e internacional, mas que mantém até os dias de hoje um espaço heterotópico e de diversidade de gênero. Como aponta a antropóloga Marinella Miano, cujas pesquisas giram em torno do gênero muxe em Istmo de Tehuantepec e que também sobre etnicidade e sexualidade em sociedades Abya Yala e África:

A pesar del acelerado proceso de modernización al que está sujeta la zona y de los cambios culturales que esto acarrea, los zapotecos del Istmo han logrado conservar con tenacidad sus tradiciones, conformando una cultura muy dinámica, que se funda en un orgullo y una identidad étnica del tipo que Tourain define ‘identidad ofensiva’, donde todo un complejo cultural que es patrimonio común de los grupos étnicos de origen mesoamericano va junto con las modificaciones y los elementos que conlleva la modernidad: urbanización, estratificación social, educación, partidos políticos, medios masivos de comunicación, nuevos patrones de consumo, etc. (MIANO, 2001, p. 685)

A sociedade zapoteca do Istmo apresenta uma série de características que a tornam particularmente interessante para pensarmos gênero/sexualidade e a compreensão da sociedade através desta performance transvestigêneres⁶. No cenário

⁶ Transvestigêneres é um termo inventado por Indianare Alves Siqueira (ativista transgênero brasileira, presidente do grupo Transrevolução, fundadora e coordenadora da CasaNem - casa de acolhimento para pessoas LGBTI+ em situação), que une o significado das palavras travesti, transsexual e transgênero. “É



internacional, as muxes são consideradas transgressoras das normas de gênero e subversivas ao modelo moderno colonial de sociedade patriarcal. No entanto, pesquisar sobre o gênero muxe é se deparar com uma densa nuvem de exotismo, mitos, conclusões precipitadas como a própria definição da muxe como homossexual, a absoluta tolerância da comunidade às muxes e o famoso ‘paraíso *queer*’. Veremos que algumas dessas noções são bastante contraditórias e outras um pouco diminutivas do que é ser um sujeito muxe e a que fatores sociais, laços familiares e econômicos estão ligados.

as muxes, apesar de sempre serem mencionadas a partir de sua condição transgênera, participam e estão inseridas em um sistema de relações em que o próprio gênero é apenas um dos eixos - as muxes são padrinhos e madrinhas, tios e tias, cozinheiras, comerciantes, professoras de dança, prostitutas, compradoras, professoras, vizinhas, filhos e filhas, compadres e comadres, bruxas, amigas e companheiras de bar. (BARBOSA, 2016, p. 7)

É importante destacar a importância da figura da mulher na sociedade juchiteca, a igualdade e o poder social das mulheres juchitecas nas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais dessa comunidade, isso em comparação com o que acontece com outras mulheres afro-ameríndias de Abya Yala, como por exemplo as mulheres brasileiras - apesar das contradições que também são observadas na esfera afetiva e sexual que veremos mais a frente no texto. Mas é com frequência que encontramos autoras se referindo a sociedade juchiteca de Istmo como uma sociedade matriarcal, onde as mulheres são vistas como amazonas, fortes e indomáveis sexualmente. Como diz Suárez e Miano no artigo “Dimensiones discursivas del sistema de sexo y género entre los indígenas zapotecas del Istmo de Tehuantepec (México)”:

Las referencias a las mujeres zapotecas del Istmo como «amazonas matriarcales primitivas» y exóticamente hermosas se remonta al siglo XVI, cuando los primeros cronistas destacan la elegancia, la fuerza, la indomable sexualidad y el bello exotismo de estas mujeres. Esto ha inspirado a intelectuales y a artistas contemporáneos tales como Frida Kahlo, Tina Modotti, Diego Rivera, Miguel Covarrubias, Elena Poniatowska, Graciela Iturbide, etc., quienes han percibido a la mujer juchiteca del Istmo como el

uma viagem além das roupas, além do gênero. É uma viagem de uma pessoa que pode transitar a todo momento como quiser, sem definições, mas ao mesmo tempo é possível escolher uma dessas definições que mais lhe aproveite”, diz em um comunicado da Casa Chama. (Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/noticias/comportamento/o-chama-festival-e-sua-programacao-vibrante-em-torno-da-cena-travesti-atual/>. Acessado em 25/03/2022.)



símbolo del *empowerment* femenino y se han imbuido en su especial estética y plasticidad para realizar sus obras literarias, pictóricas o fotográficas. (SUÁREZ; MIANO, 2008, p. 167)

Ao contrário do modelo colonial dominante, onde os homens, em todas as esferas sociais, se encontram como superiores hierárquicos, no Istmo zapoteca os espaços sociais e os poderes que os compõem, aparecem claramente definidos de acordo com o acesso e gestão do poder social que cada gênero exerce em determinados campos da vida comunitária: “ámbito doméstico (casa), comercio (mercado) y sistema festivo son ámbitos de dominio principalmente femenino; producción (campo, fabrica), de la representación política, la producción intelectual y artística (la alta cultura), y la cantinas - como ámbito de bohemia - son espacios del hombre.” (MIANO, 2001, p. 685) Em outras palavras, na sociedade zapoteca desenvolveu-se historicamente uma linha bastante definida de divisão social do trabalho, segundo a qual às mulheres cabem a tarefa de circulação e distribuição de bens e mercadorias, o gerenciamento das riquezas produzidas pelo comércio e a reprodução da cultura tradicional; cabendo aos homens a produção do campo e a manufatura das fábricas, a produção também cultural e artística e da direção política do grupo. Apesar do homem ser considerado o depositário da autoridade e do poder político, ou seja, o âmbito das ações e decisões que dizem respeito à comunidade como um todo e suas relações com instituições nacionais e internacionais, a mulher zapoteca tem sua capacidade econômica sobre o homem (a produto da actividade mercantil) permitindo-lhe uma potencial autonomia diante dos homens e que também representação política da comunidade, o que as traz uma forte auto-valorização diante do grupo social e uma presença dominante nas escolhas para com a sociedade, no que diz respeito aos gastos e investimentos, e no sistema de socialização da comunidade (representado pelas festas e rituais). A mulher na sociedade zapoteca tem um papel autônomo de sua representatividade em relação aos homens e uma autoridade forte e aceita sobre a organização do comércio, das finanças, para além do lar e da família.

Si la mujer funciona y participa en el ámbito público (social y político) extendiendo su «rol de cuidadora», tratando a la comunidad como si fuera la «[...] madre de muchos hijos», con el fin de servir al pueblo (como si fueran sus retoños), más que por intentar desarrollar un proyecto personal. Por ello,

Fortaleza – Volume 17 – Número 1, 2024

ISSN: 1984-9575



los vínculos familiares y emocionales suelen determinar la participación y las fidelidades políticas de las mujeres. (SUÁREZ; MIANO, 2008, p. 174)

Apesar da semelhança com o aspecto ‘mulher chefe do lar’, da organizadora, zeladora e educadora dos filhos, que já conhecemos no Brasil [e se assim fosse nada teria de diferente com a nossa sociedade], mas, no entanto, o que nos chama atenção, na sociedade zapoteca a mulher tem um papel atribuído fora do lar, uma função que é, segundo Marinella Miano, fundamental para a manutenção da comunidade, como já mencionei: o comércio, as finanças e as festividades. A mulher zapoteca de Juchitán tem um poder e uma função externa ao lar, que não está associada a figura da mãe e nem mesmo a da mulher esposa. Diferente, por exemplo, dos papéis sociais bem demarcados aqui no Brasil sobre a mulher e o homem: casa e rua. Como aponta Roberto DaMatta em *A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, a casa e a rua não representam apenas espaços geográficos, mas são, acima de tudo, o que DaMatta chama de entidades morais, esferas de ação social e que vão demarcar vidas inteiras de meninos e meninas, homens e mulheres. A diferença radical encontrada entre a sociedade brasileira e a comunidade zapoteca de Juchitán é que na segunda o gênero mulher não está estritamente para a casa e o gênero homem não está estritamente para a rua, a ambos lhes são atribuídos funções para com a comunidade. As mulheres de Juchitán tem um lugar de prestígio na sociedade. “Estas características distintivas que conformam una condición atípica frente al modelo nacional ha dado pie a que se hablara de ‘matriarcado’ en la sociedad zapoteca.” (MIANO, 2001, p. 686).

A divisão sexual do trabalho não é uma questão de hierarquização entre homens e mulheres na tradição zapoteca, mas é possível pensar nessa divisão como organização social de um grupo em questão. É comum que nos povos indígenas, a divisão do trabalho costuma ser baseada em princípios de cooperação e igualdade - como o veremos mais a frente quando falarei sobre os povos ameríndios no Brasil - em vez de hierarquia rígida. Essas sociedades frequentemente adotam sistemas de organização social que valorizam a colaboração, o compartilhamento de recursos e o bem-estar coletivo. Em muitas culturas indígenas, as responsabilidades e tarefas são distribuídas de acordo com as habilidades, conhecimentos e necessidades de cada indivíduo dentro



da comunidade. As atividades laborais são muitas vezes compartilhadas entre homens, mulheres e jovens, cada um desempenhando papéis específicos com base em suas aptidões e não em seus sexos/gêneros. Por exemplo, entre os povos indígenas, pode-se observar a divisão de tarefas como caça, pesca, agricultura, tecelagem, cuidado das crianças, preparação de alimentos e construção de moradias. Embora certas atividades possam ser mais comumente realizadas por homens ou mulheres, isso não implica em uma hierarquia fixa ou em uma desvalorização das contribuições de qualquer grupo. Assim como o prof.º Dr. Filipe Ceppas afirma em seu artigo “Oswald contra o Patriarcado. Antropofagia, matriarcado e complexo de Édipo”: “os estudos etnográficos, assim como os antigos relatos de missionários e de viajantes, são pródigos em informar sobre uma certa distribuição em geral igualitária na divisão sexual do trabalho e sobre o relativo grau de liberdade com que os indígenas vivem a sexualidade.” (CEPPAS, 2020, p. 10)

Acredita-se que os indivíduos muxes encontram na tradição do povo Zapoteca o dinamismo de gênero em suas funções com a comunidade, a pluralidade religiosa e o orgulho de suas tradições para legitimar seu transvestigênero, sua sexualidade não heteronormativa e não cis-gênero, “no hay estigma y marginación social del homosexual, (muxe en zapoteco), al contrario hay una actitud social y cultural peculiarmente permisiva y participativa ante la homosexualidad, el afeminamiento y el travestismo, en gran contraste con el patrón nacional.” (MIANO, 2001, p. 686) Sua identidade de gênero é ser muxe. O sistema socio-político e que também familiar juchiteco proporciona um resultado agregador da experiência pessoal de sexualidade e gênero - mesmo que esse sistema não seja livre de toda violência e preconceito -, isso muito advindo do compartilhamento coletivo de memórias, sua incrível formação social e familiar matriarcal e suas práticas culturais que não são constitutivas do sistema colonial [ou seja, ainda carregam conceitos e práticas dos povos originários em sua formação social]. Também é indiscutível que a autonomia econômica da mulher zapoteca, seu papel na vida social pública e nos costumes e tradições são fatores fundamentais para a compreensão da multiplicidade de gêneros presentes nesta sociedade, típica da intersubjetividade juchiteca.



1. O que é ser uma muxe?

Sobre seu surgimento conta-se de diferentes maneiras e a partir de diferentes mitos: Uma das lendas conhecidas é que caíram do bolso de Vicente Ferrer, o santo padroeiro de Juchitán, quando ele passou pela cidade, o que significa que nasceram com sorte; Uma segunda versão diz que Vicente Ferrer carregava três bolsas, uma com sementes femininas, outra com sementes masculinas e a última onde as duas estavam misturadas. A terceira bolsa teria vazado em Juchitán, razão por que há tantas muxes lá; Uma terceira versão é que os deuses, ao criarem os humanos, criaram alguns com as duas metades, masculino e feminino: “El sistema de los sexos también se trata de forma sociobiologizante, así se acude a causas sobrenaturales o biológicas para explicar la «proliferación de géneros» en Juchitán: «[...] Dios nos lo mandó así», «lo que eres no lo puedes dejar de ser», o «[ser *muxe*]” (SUÁREZ; MIANO, 2008, p. 174). As muxes são frequentemente associadas a questões religiosas e a milagres. Já sobre a origem da palavra, dizem que surgiu da variação da palavra ‘mujer’, que teria sido empregada pelos primeiros colonizadores espanhóis que ali chegaram, e que, mal pronunciada pelos habitantes de Istmo, tornou-se ‘muxer’ e logo: ‘muxe’. “Mapo, Muxequiini, muxengola, muxenguio, muxeuna... são variações e subdivisões utilizadas para distinguir os muxes dos outros homens, assim como para distingui-los entre eles.” (BOTTON, 2017, p. 24)

Há séculos as muxes estão presentes na comunidade de Juchitán, muito antes das lutas LGBTQIAPN+, da popularização de sua sigla e dos debates sobre orientação sexual e identidade de gênero. Luanna Barbosa nos descreve, em seu artigo “Muxes: entre localidade e globalidade transgeneridade em Juchitán, Istmo de Tehuantepec” - elaborado a partir de sua pesquisa e trabalho de campo em Juchitán-Oaxaca -, quatro gerações de muxes que ela pôde datar: A primeira geração de muxes, que hoje tem entre 50 e 70 anos, vestem-se de homem, pode ser que tenham uma maneira mais afeminada de falar ou que usem uma joia de ouro típica das mulheres e exercem ofícios



tradicionais, como dedicar-se à feitura do huipil⁷ ou a fazer bonecas de barro, e até muxes professores, como cita Barbosa, “o falecido filósofo Eli Bartolo, conhecido principalmente pelo seu ativismo na luta contra a Aids”. Um dado importante, as muxes que exercem profissões mais formais como professor, advogado ou psicólogo, são sempre muxes-homens, ou seja, muxes vestidas de homem, quase sempre preferem ser tratadas no masculino no âmbito profissional, “embora não raro tenham um apelido feminino para os amigos mais íntimos, e não se magoarão com referências femininas no trato informal”; A segunda geração tem atualmente entre 40 e 50 anos e, “junto com algumas muxes da primeira geração, são principalmente as responsáveis pela organização da famosa Vela das Autênticas Intrépidas Buscadoras do Perigo”, festas das devotas muxes que falaremos mais a frente. Barbosa descreve essa segunda geração das muxes como “as pioneiras, mas que ainda exibem atitudes muito machistas”. Um diferencial da primeira geração é que nessa encontram-se muxes vestidas de homem e de mulher. Também, a partir dos muitos documentários, se tornaram famosas em sua comunidade; A terceira geração das muxes, tem entre 30 e 40 anos, são as mais ousadas nas vestimentas e nas transformações corporais como as próteses de silicone e também as que primeiro chegaram à Cidade do México como trabalhadoras do sexo. “Esse grupo, talvez um dos mais heterogêneos, é um dos mais marcados pela complexa ‘oposição’ entre a vivência da tradição e a vivência do mundo nacional e globalizado.” Estas vivenciam de forma mais profunda as experiências transgêneras, algumas consideram-se transexuais, “fazem uso de inúmeros recursos aos quais se tem acesso na Cidade do México e constituem, lá, parte da diáspora muxe. Seus ofícios são diversos, como decoradoras de festas, estilistas, cabeleireiras, comerciantes ou prostitutas”; A quarta geração, que atualmente tem entre 18 e 30 anos, constitui um grupo crescente e variado. A maioria são jovens que têm a percepção sobre sexualidade e identidade de gênero como fluidas, muito semelhante ao que ocorre em cidades mais urbanas. “Nessa geração é mais perceptível a abertura à presença de muxes que se relacionem com mulheres (...) O preconceito com esse tipo de relação (*tortillas*) é menor nesta geração e cresce progressivamente até chegar à primeira.” Essas muxes, ou como chama

⁷ É a vestimenta tradicional mais comum usada por mulheres indígenas no México.



Barbosa, ‘muxitas’ têm um caminho já percorrido pelas muxes das gerações anteriores, acesso privilegiado não só às transformações corporais e recursos materiais, como também à ideia e ao estereótipo do que é ser muxe, o que as muxes das gerações anteriores tiveram que construir arduamente. “Muitas delas seguem suas companheiras na atividade da prostituição na Cidade do México, e outras continuam com suas famílias, ajudando nas atividades desempenhadas por estas, mas sempre com o sonho de sair de Juchitán.” Isso porque, apesar de Juchitán ser o centro turístico, comercial e cultural do Istmo de Tehuantepec, é uma cidade relativamente pequena e tradicionalista, é conveniente que muitas muxes tem [ou já tiveram] o sonho de conhecer e experimentar a vida em outras cidades. Um desejo inclusive muito comum de habitantes de cidades pequenas. O fato é que, ao sair do Juchitán as muxes não encontram melhores condições na Cidade do México [tão pouco em outras cidades] e muitas acabam trabalhando com prostituição e se submetendo a trabalhos de exploração. Obviamente que Juchitán não é um paraíso *queer*: “As muxes podem ocupar muitíssimas funções laborais e têm uma função social no grupo familiar e no grupo da vizinhança. Entretanto, essa aceitação não é plena.” (BARBOSA, 2016, p. 16) Isso não significa dizer que é um lugar difícil de se viver para as muxes, de fato observa-se maior tolerância à condição transgênera e a outras formas de gêneros não cis-normativas, isso em comparação à outras cidades mexicanas, assim como também ao Brasil e a outros países de Abya Yala.

Quero pensar uma definição de muxe tendo como partida o conceito de “transgênero” da mestra em ciências sociais pela UFPR, Letícia Lanz⁸, para a autora, em sua dissertação de mestrado intitulada “O corpo da roupa - a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero”, o que define a

⁸ Mulher trans, psicanalista, poeta, pesquisadora, escritora sobre transexualidade, diversidade sexual e de gênero e direitos humanos, que inaugura os estudos sobre transgeneridade no Brasil. Primeira candidata transgênera à prefeitura de Curitiba-PR. A trajetória de Lanz é cheia de descobertas, foi uma experiência de enfrentamento da morte [de Geraldo Eustáquio de Souza] que fez Letícia Lanz nascer, ou renascer, aos 50 anos de idade. “Eu sou aquilo que você pode chamar de mulher transgênera lésbica”, afirmou Letícia Lanz em entrevista. A transição de gênero trouxe também a necessidade de uma radical mudança profissional, o meio corporativo economista em que trabalhava não aceitou a profissional dos negócios Letícia Lanz, ocorrendo então outro renascimento, desta vez para uma carreira iniciada do zero na área de psicanálise.



condição transgênera é a “transgressão da ordem social” (LANZ, 2014, p. 22), ou seja, a transgressão da normativa de gênero.

‘Transgênero’ não quer dizer um gay (ou lésbica ou bi) ‘mais afetado’, nem uma patologia mental do indivíduo. Não é tampouco o nome de mais uma identidade gênero-divergente (como travesti, transexual, crossdresser, drag queen, transhomem, etc.) mas um termo ‘guarda-chuva’, que reúne debaixo de si todas as identidades gênero-divergentes, ou seja, identidades que, de alguma forma e em algum grau, descumprem, violam, ferem e/ou afrontam o dispositivo binário de gênero. (LANZ, 2014, p. 24)

De modo geral, mulheres transgêneras e homens transgêneros, não se sentem conformes ao gênero ao qual foram assinados em seu próprio corpo ao nascerem. E raramente se cogita que o ‘estado de conflito’ em que vive uma pessoa transgênera não é produzido por ela mesma, a partir de uma patologia interna, uma disforia de gênero, ou que não é pela sua ‘subjetividade desalinhada’ com a sua corporalidade, mas que é resultado imediato da reação com sociedade e das conseqüentes represálias políticas, culturais e econômicas à sua transgressão do dispositivo binário de gênero. No fundo, Lanz está dizendo que indivíduos transgêneros sempre existiram, mas é o próprio sistema gênero binário que as acometem como transgressoras, afinal, como diz a pesquisadora, “é a norma que cria a infração da norma; se a norma é extinta, deixa de haver infração.” (LANZ, 2014, p. 24) Mas para ir contra esse sistema de normas binárias, é preciso que haja os infratores. Na verdade, uma pessoa transgênero nada mais é do que alguém cuja exibição de gênero é contrária ao que outras pessoas na mesma cultura normalmente esperariam, ou seja, normatizaram como padrão. Dessa forma, transgênero, segundo Lanz, não é uma identidade e sim uma condição política, levando em consideração o fator que permeia e atravessa todas as manifestações de transgeneridade: a transgressão. Assim como a sua fluidez, característica da sexualidade e da performatividade de gênero. E se tratando de Juchitán, já existe um espaço reservado à transgressão, mesmo que esse não seja totalmente livre de preconceitos [se é que isso é possível]: o espaço social das muxes. Este é um lugar de prestígio, de respeito e de reconhecimento social.



Mas o que diferencia uma muxe de um transgênero, transexual ou travesti? De fato um indivíduo muxe é um homem nascido com pênis⁹ e que em algum momento de sua vida, geralmente ainda na infância, adota uma imagem e/ou comportamentos (uns mais outros menos - veremos isso mais a frente com as ‘muxes-homens’ e as ‘muxes-mulher’) reconhecidos como femininos. Mas possuir o órgão pênis é apenas uma questão biológica, isso não acarreta nenhum atributo de sexualidade e/ou gênero, assim como também ser muxe não se define apenas pela representação do feminino no corpo ‘biológico’ masculino. Outros aspectos precisam ser levados em conta, o primeiro é ser um membro das comunidades zapotecas. Além disso, deve-se autodenominar-se como tal, ou ser assim nominado pela comunidade ou família a que pertencem. A língua zapoteca também é elemento diferenciador dos Muxes.

Os muxes que vivem na Cidade do México continuam se designando assim, falando o zapoteca e exercendo uma espécie de irmandade muxe, como explicou Amaranta Gómez - uma muxe ativista dos direitos humanos no México, que foi candidata a deputada estadual e federal algumas vezes e que tem uma luta constante no combate ao HIV e pela saúde e contra a violência aos muxes - numa das vezes em que foi entrevistada. (BOTTON, 2017, p. 24)

A noção de comunidade entre as muxes também está muito presente, dentro e fora de Juchitán, como, por exemplo, as muxes que vão para a Cidade do México sempre contam com uma comunidade que as recebe e fornece suporte afetivo e material para que elas possam iniciar sua vida.

Trata-se de um grupo mais ou menos guetificado, mas não excluído. As muxes realizam todas suas atividades entre si, geralmente falam em zapoteco e sempre reproduzem o modo de vida istmeno (o que se observa nas comidas, que sempre são trazidas por viajantes, nas festas que realizam e nos ofícios que seguem exercendo paralelamente à prostituição). Mesmo que cheguem apenas para passear ou para prostituir-se por um tempo reduzido com o fim de economizar para suas próteses ou para solver alguns gastos, as muxes quase sempre se estabelecem e não voltam mais. (BARBOSA, 2016, p. 18)

⁹ Já que há homens que não nasceram com pênis, homens ‘não biológicos’ por assim dizer. Apesar de entender que até mesmo o termo “biológico” é construído social e culturalmente.



Mas para ser uma muxe não é preciso seguir necessariamente todos os costumes tradicionais da comunidade de Juchitán, como participar das celebrações comunitárias, das festividades e da região, algumas muxes não são tão devotas as velas e não participam das tradições regionais, mas jamais abrem mão da sua identidade étnica de ser muxe. Isso porque ser uma muxe é mais do que um gênero, é uma identidade cultural e regional pertencente a Juchitán, Istmo De Tehuantepec. O antropólogo Pablo Céspedes Vargas em sua tese *Muxes at work: between community belonging and heteronormativity in the workplace - Gender expressions in the context of a local and globalized economy in Juchitán de Zaragoza, México* (2015), afirma:

‘Muxe’ é uma palavra genérica que inclui identidades de gênero não dominantes e orientações sexuais adotadas por homens biológicos na cultura zapoteca. O que sabemos, ‘sob os olhos ocidentais’, como ‘travesti de homem para mulher’, ‘transexual de homem para mulher’, ‘gay afeminado’ ou ‘gay masculino’ parece estar incluído na categoria de ‘muxe’ desde que haja também um forte componente de identidade étnica. (VARGAS, 2015, p. 5, Tradução minha)

De acordo com um estudo antropológico feito por David Rymph, durante a primeira metade da década de 1970, constatou-se que “aproximadamente 6% da população do Istmo de Tehuantepec era composta de muxes” (RYMPH, 1974, p. 35, tradução minha). Em seu texto “Cross-Sex Behavior in an Isthmus Zapotec Village” (1974), descreve que entre famílias da região da comunidade Zapoteca, muxes ainda são frequentemente considerados por suas mães como ‘o melhor de sua prole’; uma casa que tem uma criança muxe é uma casa abençoada, pois estes carregam os dois espíritos¹⁰, masculino e feminino, as duas metades unidas. Ao contrário das pessoas

¹⁰ O termo guarda-chuva “dois espíritos” (THOMAS, wesley, apud, INANNA, 2020, p. 5), cunhado pelo antropólogo e Dr. Wesley Thomas, membro do povo Navajo, passou a ser reivindicado pelos movimentos indígenas LGBTQIAPN+ da América do Norte a partir de 1990. As produções antropológicas passaram a adotar esse termo ao se referirem aos gêneros ameríndios. Isso porque muitos povos indígenas tem a crença religiosa de que algumas pessoas nascem com dois espíritos, um masculino e um feminino e a interação entre essas duas identidades é o norteador dos gêneros não binários. Estes são os chamados abençoados pelos xamãs, tendo o poder inclusive de trazer boa sorte e cura a quem está próximo. São sempre associados a suas capacidades de desempenhar com destreza tarefas consideradas femininas e masculinas, isso devido ao dom recebido pelos deuses. Os dois espíritos, dentro das tradições indígenas, não se referem apenas a um papel sexual - isso seria diminuir sua importância -, mas há também uma função religiosa, política e social. A questão sexual é apenas uma dentre tantas atribuições que carrega o termo dois-espíritos. É importante ressaltar que nem todo indígena LGBTQIAPN+ é um dois espíritos. Como diz Mary Annette Pember, jornalista de origem Ojibua: “Dois-espíritos é um termo totalmente



heterossexuais que se casam e formam outro núcleo familiar que precisa de cuidados, uma pessoa muxe frequentemente permanece em sua casa de origem. E mesmo quando vai morar em outra casa, como em alguns casos, sempre volta quando necessário. O vínculo com a família de origem nunca se perde. Também o pesquisador e antropólogo Alfredo Mirandé descreve em sua tese *Behind the Mask Gender Hybridity in a Zapotec Community* (2017, University of Arizona Press):

Alguns muxes formaram casais monogâmicos com homens e se casaram, outros viveram em grupos e ainda outros se casaram com mulheres e tiveram filhos. (...) Deve-se notar que o cerne da cultura zapoteca era a unidade familiar organizada em um sistema semelhante ao matriarcado. Os homens estavam encarregados de caçar, cultivar a terra e tomar decisões políticas, enquanto as mulheres controlavam o comércio e as decisões econômicas. Um muxe podia participar nas decisões geralmente reservadas às mulheres da família. (MIRANDÉ, 2017, p. 65. Tradução minha)

Tanto na família quanto na comunidade, as muxes são símbolos de proteção e cuidado. Quando as mulheres trabalham fora de casa, a filha muxe torna-se um elemento valioso na sua vida produtiva realizando as tarefas relacionadas com a reprodução da vida familiar - cuidar das crianças e dos idosos, limpar a casa, alimentar os animais, cozinhar para a família -, ou seja, como afirma Miano, “cumple la función de ‘dador de atención’ como la de la hija soltera en el modelo familiar mestizo” (MIANO, 2001, p. 686) Além disso, as muxes são também pessoas produtivas fora do âmbito doméstico, são conhecidas por serem trabalhadoras e, como as mães, contribuem com seus ganhos para sustentar a família e cuidar dos filhos. “A diferencia de los hijos heterossexuales se casan y van a formar otro núcleo familiar que necesita cuidados - el hijo muxe se queda, inclusive cuando se junta - por temporadas - con un compañero, ya que los casos de parejas estables son muy raras.” (MIANO, 2001, p. 686) Para uma mãe zapoteca ter uma filha muxe representa tanto segurança econômica quanto apoio moral, principalmente quando são deixadas sozinhas na velhice. Em muitos casos, quando a avó ou a mãe morre, é a sua prole muxe que herda a autoridade moral e espiritual da

contemporâneo. Ele foi trazido à mesa porque os antropólogos se referiam a nós como berdache. Pessoas LGBTQIAPN+ nativas queriam um termo que nos desse a oportunidade de tomar de volta nossas identidades.” (PEMBER, 2016, apud INANNA, 2020, p. 8).



casa, tornando-se o elemento unificador da família. Nas palavras de Meneses, no documentário *La Fascinante historia de los Muxhes*:

Hay una población que se ha negado a asimilar completamente el sistema patriarcal y esta es una sociedad centrada en las mujeres y las madres. Y si una madre tiene hijos Muxes exigirá el derecho de respetar a sus hijos Muxes. Toda la comunidad los conoce desde que eran pequeños, así que cuando alguien decide expresar su orientación sexual, toda la comunidad está de alguna manera dispuesta a apoyar a ese niño. (LA FASCINANTE, 2014, transcrição minha)

Nesta comunidade matriarcal, são as mães e as mulheres que vão apresentar os indivíduos muxes para toda a comunidade, lembrando que uma das funções sociais atribuída às mulheres zapotecas é o sistema festivo e a produção cultural. E é por meio das festividades que as crianças ainda pequenas serão apresentadas como novos integrantes muxes da comunidade. As mulheres trabalham para que todas as crianças muxes tenham uma excelente festa de apresentação à comunidade com seu devido respeito. Medina descreve como foi sua infância e apresentação para o mundo como muxe, quando tinha dez anos, sua mãe e as mulheres da casa, ao perceberem que se tratava de uma criança muxe, afirmou: “Y luego la madre comienza a dar el primer impulso al mundo exterior del muxhe y lo familiariza con algún muxhe adulto que tiene una profesión u oficio respetable. Hablamos de estilistas, modistas, bordadoras, tejedoras, cocineras” (MEDINA apud LA FASCINANTE, 2014).

No entanto, não é verdade que não haja discriminação das famílias na comunidade de Juchitán sobre as muxes, Barbosa diz que não há uma muxe que não tenha sofrido preconceito na infância, “em algum momento de sua infância, eram castigadas por vivenciarem elementos típicos da identidade feminina: cozinhar, limpar a casa, brincar com meninas, usar roupas de mulher, arrumar-se e enfeitar-se, brincar com bonecas...” (BARBOSA, 2016, p. 9), etc. Este é, segunda a pesquisadora, uma questão bastante controversa, inclusive dentro da própria comunidade, já que o que se ouve é que toda família quer ter uma filha muxe, que são abençoadas pelos deuses, que as muxes são muito bem vindas no seio familiar, mas não é exatamente isso que vivenciam todas as famílias, principalmente se tratando da figura do pai, Barbosa afirma:



Nenhuma família quer ter um filho muxe, em princípio, e as muxes, na maioria dos casos que conheci, foram severamente castigadas e repreendidas pelos seus pais devido a sua condição de gênero. Muitas vezes foram insultadas e golpeadas. Entretanto, as muxes sempre encontraram algum espaço de tolerância na família e na vizinhança – espaço que souberam aproveitar e ampliar. Sempre há uma tia ou uma prima muxe que defende o pequeno e que serve como uma âncora para a identificação e a construção da identidade, sempre há crianças muxes na vizinhança para brincar ou adultos mais simpáticos à condição transgênera das ‘muxitas’. Além disso, já existe um padrão do que é ser muxe – pelo menos, desde a segunda metade do século XX. Esse fator, aliado à importância cabal do vínculo comunitário e de parentesco, faz com que as muxes, cada vez mais, década após década, gozem de uma certa tolerância. As muxes crescem como um sujeito da comunidade muxe e, de maneira mais ampla, da comunidade juchiteca, na qual tem funções sociais mais ou menos definidas – ela é um personagem a mais, presente no imaginário social, e apesar da ambiguidade de tal presença, a recepção da sociedade não é, de modo algum, ostensiva. (BARBOSA, 2016, p. 9)

É claro que não podemos deixar de destacar a influência da colonialidade dentro da cultura Zapoteca, a religião evangélica por exemplo, cuja prática religiosa se choca com a experiência e performance de gênero muxe. As muxes que pertencem a famílias evangélicas frequentemente experimentam um forte sentimento de culpa com relação à sua identidade de gênero e sofrem maior preconceito e dificuldade de aceitação pela família.

No documentário *La fascinante historia de los Muxhes (2014)* a socióloga Marina Meneses entrevista Biiniza Carrillo Medina, que diz: “Yo no soy hombre, y no soy mujer, soy muxe”. Ser muxe vem de uma identidade cultural e histórica.” (LA FASCINANTE, 2014, transcrição minha). Assim como também no artigo “Identidade de gênero: a comunidade mexicana onde há mais do que homens e mulheres”, Ola Synowiec ao perguntar para Lukas Avendaño, uma muxe, “Qual tratamento você prefere: feminino ou masculino?” Avendaño responde: “Prefiro que me chame de ‘meu amor’. Em zapoteca, assim como no inglês, não há gênero gramatical. Há apenas uma forma para todas as pessoas. Por isso muxes nunca tiveram de se perguntar se são mais homem ou mais mulher” Dessa forma, se partirmos de sua origem zapoteca, o gênero muxe, sem dúvida, pertence a outro terreno gramatical e cultural que não o colonial. Exatamente por isso chamá-lo de um terceiro sexo seria diminuir sua potência,



derivando-o de uma sobra da frágil binariedade colonial homem/mulher. Avendaño enfatiza que “‘muxe’ é um termo zapoteca e que não pode ser entendido sem se compreender sua cultura” (AVENDAÑO apud SYNOWIEC, 2019, p. 3), não pode ser entendido fora de sua comunidade, nem analisado de fora, a partir de ferramentas ocidentais e coloniais.

Em termos de sexualidade, é importante destacar que a identidade de gênero muxe não está necessariamente ligada à sua orientação sexual, muxes não são necessariamente homossexuais. Assim como em qualquer outra comunidade, a sexualidade das muxes abrange uma variedade de experiências individuais. Algumas muxes se identificam como gays e têm atração por pessoas do mesmo sexo, enquanto outras se identificam como bissexuais ou têm outras orientações sexuais. Há muxes que se relacionam com homens, há aquelas que se relacionam com mulheres e outras que se relacionam com *nguiu*¹¹. “A orientação sexual de uma muxe independe de sua condição transgênera. Daí a definição muito acertada de uma interlocutora muxe, ‘o que é que caracteriza a muxe, é gostar de um pau? Não, é gostar de uma boneca quando é criança’” (BARBOSA, 2016, p. 9). É fundamental evitar generalizações e tentativas de comparação com termos e identidades ocidentais. É importante reconhecer a diversidade dentro da comunidade muxe, cada indivíduo tem sua própria experiência, identidade de gênero e orientação sexual. Além disso, é necessário compreender que a identidade muxe não se limita apenas à identidade de gênero, mas também envolvem papéis sociais na comunidade zapoteca, relações familiares e manifestações culturais e religiosas.

Ainda sobre o gênero muxe, existem “muxes-homens” e “muxes-mulheres” (BARBOSA, 2016, p. 8), ou seja, uma muxe pode se vestir de homem e preferir utilizar pronomes masculinos ou se vestir de mulher e utilizar pronomes femininos, mas continuaram sempre muxes. A muxe-homem não representa uma hierarquia em relação a muxe-mulher, todas são muxes, apenas. Muxe-homem e muxe-mulher são variações

¹¹ Como define Barbosa em nota de rodapé, “categoria local para a mulher masculinizada” (BARBOSA, 2016, p. 9)



dentro do gênero muxe, não são marcadores de orientação sexual, ambas se relacionam com homens e mulheres. Entretanto, é importante ressaltar que, segundo a pesquisa de Barbosa, o relacionamento amoroso das muxes com as mulheres quase sempre é ocultado pelas muxes, este é um preconceito entre as próprias muxes. Isso porque se relacionar com uma mulher, ou mesmo com outra muxe, se entenderia que a muxe está ‘jogando dos dois lados’, um pouco parecido com o termo ‘gilete’¹² no Brasil. A muxe que é fiel a seus desejos e se relaciona com uma mulher coloca em jogo alguma suposta essência do que é ser muxe e corre o risco de sofrer os comentários maldosos da comunidade muxe, ser destrutada e excluída de sua comunidade muxe.

Um dos piores insultos que se pode proferir a uma muxe é chamá-la de *tortilla*. A *tortilla*, alimento básico mexicano, quando feita à mão, é lançada de uma mão a outra, ou seja, ‘*se voltea*’. Uma pessoa que faz *tortillas* é uma pessoa que ‘*se voltea*’, ou seja, ‘faz dos dois lados’. Se a muxe ‘é ativa’ (o que se supõe que ela faz com a mulher), ela é *tortilla*. Relacionar-se com uma mulher (com uma muxe também) é um grande tabu. Afinal de contas, ‘por que a muxe tornou-se mulher? Para terminar com uma mulher?’ - e esse preconceito é observado inclusive entre as muxes-homens. A relação com a mulher é profundamente negada, como se se tratasse de uma séria violação às leis implícitas do mundo muxe. Ser *tortilla* é negar o caráter da muxe, é negar sua feminilidade. Assim, as relações das muxes com mulheres são escondidas, ocorrem à noite, pelas madrugadas, e nos raros casos em que são formais, quase não são comentadas. (BARBOSA, 2016, p. 24)

No entanto, Barbosa afirma que relacionamentos entre muxes e mulheres é mais comum do que se imagina, apesar de ser rigorosamente rechaçado pelas muxes. A pesquisadora reconstrói o caso famoso da falecida María Victoria, uma muxe que nasceu na década de 1930, era da tradicional sétima seção¹³, e seu principal ofício era fazer bonecas de barro. Ela se casou com uma mulher, Sodelba, e teve oito filhos. Como as muxes de sua geração, “María Victoria não usava roupas femininas, mas sempre trazia uma flor na cabeça, as tradicionais joias de ouro, botões de ouro em suas *guayaberas* e batom”. Ela cuidava de todos os serviços domésticos junto com Sodelba, além de cuidar do traje e dos penteados de sua mulher quando frequentavam as festas. De acordo com relatos, María Victoria era conhecida como muxe e seu nome de

¹² Alguém que corta para os dois lados, pessoa que mantém contatos sexuais com ambos os sexos. Termo pejorativo frequentemente utilizado para designar pessoas bissexuais.

¹³ A pesquisadora descreve em nota na página 21 que Juchitán é dividido em nove seções, sendo a sexta e a sétima as consideradas mais tradicionais e perigosas. Seu trabalho de campo se deu principalmente nesse setor, local em que alugou uma casa para morar.



nascimento, Mariano, quase não era escutado na vizinhança. “Ela atualmente seria considerada uma “muxe lésbica” (*muxe ‘nguiu’*), o que hoje constitui um insulto para quase todas as muxes.” (BARBOSA, 2016, p. 25)

Como podemos ver, o elemento da homossexualidade recebe mais destaque do que a condição da transgeneridade, é tolerável a fluidez de gênero e até mesmo aventuras homoafetivas, que em geral não resultarão em relacionamentos sérios, mas não é bem recebido uma relação erótico-afetiva lésbica, o que pode inclusive resultar em uma expulsão da comunidade muxe. “Se, por um lado, a transgressão de gênero tem o seu local reservado na comunidade, ela ocorre somente nos moldes já estabelecidos e de mãos dadas com a heteronorma e o machismo vigentes na cidade.” (BARBOSA, 2016, p. 25) É difícil pensar as relações eróticas das muxes sem essa estrutura sutil ainda embasada na heteronormatividade sexual, mesmo que não binária e não patriarcal, já que a sociedade de Juchitán é uma organização um tanto quanto matriarcal. Acrescenta-se uma característica peculiar à essa organização: não há rechaças ao muxe que tenha relacionamentos com outros homens, estabelecendo assim um padrão de casais heteros, no entanto, esta liberalidade não corresponde uma atitude igualitária em relação à homossexualidade feminina.

Al contrario de un muxe que tiene presencia y prestigio social, el ser lesbiana está considerada como una desviación o una jamás alcanza el status social del muxe y generalmente es reprimida - las mismas palabras usadas para nombrarlas - *nguiu*, en zapoteco y *marimacho*, en español - tienen una connotación despectiva que no tienen la palabras muxe. Lo que denota que no deja de ser una sociedad heterosexista aunque presenta una menor homofobia respecto al modelo mestizo. (MIANO, 2001, p. 686)

Como já o vimos, a muxe geralmente habita um ‘mundo feminino’ e assim se utiliza de todos os recursos para conseguir uma performance feminina, isso devido ao peso da heteronormatividade. O gênero muxe frequentemente se equivale a identidade de gênero, ao desejo sexual e a performance do feminino (assim como os padrões da feminilidade heterossexual). Barbosa chama esse aspecto de “pedagogia da feminilidade” e normalmente as mais velhas sempre vão educar as mais novas: “a equilibrar-se em saltos, a vestir-se, a maquiagem e a pentear-se, vão emprestar-lhes peças de vestuário e perucas, vão ensinar-lhes as ‘manhas’ para conquistar os homens e



as ‘manhas’ da prostituição”. A pesquisadora ainda afirma que: “As muxes são verdadeiros atores feministas, verdadeiros protagonistas do mundo feminino. Conhecem absolutamente tudo da performance feminina e são as melhores cabelereiras, estilistas, costureiras e professoras de dança.” (BARBOSA, 2016, p. 27) A muxe que se sente mulher, vive ‘como uma mulher’ - já que nem toda muxe se vê como uma mulher, algumas afirmam transitar entre os dois termos mulher/homem e outras afirmam apenas que são muxes, sem essa distinção -, ela se relaciona com um homem, casam com um homem. Mas poucas muxes conseguem romper com essa lógica heteronormativa e ser donas de seu próprio desejo, quase sempre as cobranças da comunidade em se tornarem uma família e terem relacionamentos heteros [homem e mulher] dominam até mesmo as muxes mais ousadas. Esse é um reflexo de como o sistema heteronormativo é tão avassaladoramente forte, até mesmo para aqueles que rompem com a lógica operante do gênero. O que com frequência é ouvido entre as próprias muxes: ‘se é para gostar de mulheres, elas deveriam ter continuado como homens’. No entanto, o fator que reúne todas as muxes é a transgressão do gênero colonial binário, assim são reconhecidas em sua comunidade, mesmo que ainda existam amarras ao padrão heterossexual.

Outro aspecto da heterossexualidade dentre as muxes são os famosos “mayates”, homens que têm relações sexuais com muxes, mas que não são muxes e não são considerados gays, eles são considerados homens ‘heterossexuais’ (sim, isso mesmo, ‘heteros’); isso porque a sociedade zapoteca como um todo não interpreta um homem que tem relações com uma muxe como homossexual, seu status hétero não é questionado [já que as muxes, em geral, são consideradas uma performance do feminino]. As muxes sempre terão seus mayates, muitas vezes são casados e em grande maioria eles exploram as muxes o máximo possível. Frequentemente são as muxes que arcam com grande parte das despesas de seus mayates e estes se aproveitam do fato de que são raros os homens que mantem relações formais com uma muxe. Os mayates exercem em relação às muxes um tipo de violência simbólica e emocional, e até física, que reflete o machismo juchiteco, como diz Barbosa: “O *puto* é também um corpo abjeto (BUTLER, 2005) - ele não é mulher, ele não pode gerar filhos, ele é um corpo que está disponível ao desejo do outro e que pode ser maltratado.” (BARBOSA, 2016, p. 26)



Na realidade, a sexualidade das muxes é muito mais fluida do que dita a norma que regulamenta sua ‘homossexualidade’. Como em qualquer parte do mundo, o desejo é errante (Luanna BARBOSA, 2013; Luanna BARBOSA; Hilan BENSUSAN, 2012). Dependendo da muxe, de sua história de vida e do momento que vivencia, o desejo dela pode estar dirigido a um homem, a uma mulher ou até mesmo a uma muxe. Mas, graças ao poder do sistema normativo e do machismo que imperam em Juchitán, quase todas as muxes se tornam escravas da exploração de algum *mayate* e envelhecem sozinhas, dedicando-se aos pais e aos sobrinhos. O que as muxes diaspóricas que se prostituem na Cidade do México fazem é inverter esse jogo, explorando ao máximo o poder de compra dos clientes, que procuram essas ‘*chicas trans*’ exóticas. (BARBOSA, 2016, p. 26)

Segue também que as muxes quase sempre são as pessoas escolhidas para uma relação sexual, pelos homens solteiros, jovens que ainda não se casaram e por homens que desejam ter aventuras extraconjugais, tendo as muxes uma função quase de estabilizar a heteronormatividade e os casamentos em Juchitán. Muito semelhante com o que acontece nas esquinas da Rua Augusto Severo do bairro Glória no Rio de Janeiro, carros com homens casados que param para as travestis e mulheres trans entrarem. Muitos desses homens desenvolvem relacionamentos longos com essas mulheres, as escondidas de suas esposas é claro. Sobre o silêncio daqueles que deitam à cama das travestis e mulheres transexuais, em *O Parque das Irmãs Magníficas* a personagem Camila descreve como as travestis de Córdoba são importantes para a manutenção da sociedade heteronormativa e da própria economia. No mundo dos ‘normais’, dos ‘homens de bem’, que amam a Deus, que formam famílias tradicionais, que se matam de trabalhar para pagar escolas dos filhos, que enriquecem os patrões e envelhecem ao lado de suas esposas, afirma Camila Villada, “somos necessárias ao desejo, ao desejo proibido dos habitantes da terra por nós” (VILLADA, 2022a, p. 72) Podem até dizer no clarão do dia que não as desejam, que sentem repulsa, mas é o luar, na escuridão da noite que revelam seus desejos mais profundos: “Ninguém resiste ao feitiço de um homem vestido de mulher” (VILLADA, 2022a, p. 163). E assim reclamam os conservadores, ‘esses maricas que ousam ir tão longe’, que se vestem de mulher, esses ‘degenerados’ que capturam a atenção dos ‘homens de família’, que os enfeitiçam com seus decotes e vestidos curtos... São elas [travestis e transexuais] que carregam a culpa do mundo.



Tem de ver como imploram todos esses homens que formam uma família e tem filhos e arrebatam o lombo trabalhando para dar de comer aos filhos e à esposa. Tem de ver como imploram em silêncio à noite, quando sonham com este pênis que estrangulo agora e espremo enquanto aperto os dentes. Tem de ver como imploram para colocá-lo na boca e enfiá-lo bem dentro do cu, e sentir que é uma mulher que os penetra, que provoca neles essa dor, que lhes provoca esse desejo. Tem de ver como sua escala de valores se esmilingua quando este pênis está dentro deles. Por que, então, acreditamos que é nossa culpa não poder inculcar neles os valores para que fiquem, ou para que partam para sempre, ou para que, ao menos, não nos infectem com o medo? (VILLADA, 2022a, p. 131-132)

São exatamente as travestis, transexuais e putas [assim como também as muxes] que subvertem até mesmo a ordem heteronormativa por dentro dela mesma, digamos assim, por entre suas teias, fazendo uso de suas próprias categorias (mulher, cis, hetero, etc.). Assim afirma Villada: “Mas a vida não poderia funcionar sem nossa presença ali, por fora de tudo. A economia quebraria, a existência selvagem devoraria todas as normas, caso as putas não dessem seu amor carnal. Sem as prostitutas, este mundo se afundaria na escuridão do universo.” (VILLADA, 2022a, p. 72)

As muxes também tem um papel importante na construção da sexualidade masculina, é comum que uma muxe inicie os adolescentes nas práticas sexuais entre os dez e os quinze anos, geralmente parentes ou vizinhos próximos. Apesar de ser delicado este assunto, essa não é uma prática de prostituição ou de uso de poder sobre o corpo de outra pessoa, como já o vimos historicamente com as prática de iniciação sexual de meninos com prostitutas, mulheres negras escravizadas, empregadas domésticas cuja maioria eram negras e latinas, etc. Mas como descreve Miano:

A menudo es un pariente o vecino muxe que se presta con gusto a abrir el prepucio a un niño, desvirgar un muchacho y enseñarle los primeros manoseos y juegos amorosos y en general el arte de la seducción ya que según el modelo cultural tradicional, los adolescentes no tienen acceso a las mujeres ya que las muchachas, y especialmente sus mamás, cuidan su virginidad que se considera la etiqueta de la mujer y que debe ser comprobada exhibiendo el pañuelo manchado de sangre en la noche de boda. Para los varones son de difícil acceso las prostitutas por razones económicas y porque en general la comunidad no acepta a quién anda en los burdeles a temprana edad. (MIANO, 2001, p. 687)



Enquanto as mulheres não têm a possibilidade de experiências sexuais antes do casamento, os homens têm a possibilidade e facilidade de aprender e praticar tudo relacionado ao sexo através dos ensinamentos das muxes. O controle social da sexualidade das mulheres é maior que o dos homens, a moralidade sexual é mais permissiva para os homens e meninos, assim como as *nguius* são menos aceitas que os muxes. Dentro dos lares, apesar da mulher zapoteca ser conhecida por sua autonomia econômica e prestígio na sociedade Juchitán, as práticas de cuidado ainda sobrecarregam as mulheres, com maiores responsabilidades do que os homens. Há diferença no processo de socialização primária por gênero, onde, na infância, o menino goza de mais liberdade e a menina deve ajustar-se a certas obrigações e responsabilidades sociais. Como o vimos, aspectos da heterossexualidade e heteronormatividade estão presentes em Juchitán - não saberia dizer se esse é um advento pós colonial ou não - mas ainda assim, me parece que as construções sobre o gênero são mais fluidas e não binárias (excludentes e opostos), apesar da sexualidade girar em torno do dualismo (complementares) homem/mulher.

2. Muxes e suas funções sociais e festivas.

É possível encontrar indivíduos muxes desenvolvendo funções socialmente reconhecidas e prestigiadas tanto na família como nas esferas públicas e comunitárias. As ocupações exercidas pelas muxes na comunidade são bastante significativas para a reprodução de alguns elementos culturais importantes para a afirmação da etnicidade local: são elas estilistas da moda zapoteca, desenham e bordam o traje regional feminino e seus enfeites florais no cabelo, um símbolo do grupo étnico; confeccionam vestidos de gala para grandes ocasiões (casamentos, quinze anos, aniversários); são responsáveis pelas indispensáveis e coloridas decorações das festas, dos santos e dos carros alegóricos de papel machê para os desfiles e pintam as mantas e estandartes que decoram e delimitam o espaço ritual das festas; são as coreógrafas que se encarregam de dirigir os bailes de quinze anos e aniversários; são as cozinheiras da comida tradicional e as bartenders que acrescentam graça à embriaguez; elas também ocupam posições tradicionais e hierárquicas como feiticeiras, curadoras, ou bruxas. Como afirma Miano:



“Se trata de una homosexualidad institucionalizada, de un tercer elemento constitutivo e integrado a la organización genérica de la sociedad y al universo cultural étnico poco usuales en nuestra sociedad occidental, (...) un hombre-mujer que reúne las características de ambos sexos.” (MIANO, 2001, p. 686)

Assim como as mulheres, as muxes tendem a monopolizar os espaços das festas e das famosas Velas¹⁴ como forma de adquirir prestígio social e reafirmar a lealdade étnica com a cultura local. É comum a presença ativa das muxes nas celebrações em homenagem aos santos, como, por exemplo, San Judas Tadeo e a Virgem de Guadalupe, em velórios, nove dias e 40 dias do falecimento, em orações diversas, posadas de Natal, Páscoa e Semana Santa, dias dos mortos, casamentos religiosos, batizados, missas, peregrinações como a da Santa Cruz de los Pescadores, entre outras. As celebrações são sempre comunitárias e as muxes são bem vindas em todas elas.

Assim, por exemplo, se uma pessoa deseja realizar uma oração em homenagem a um parente falecido, em agradecimento a algum pedido alcançado ou a uma causa pessoal, ela pode divulgar com antecedência essa oração, que será realizada em sua casa, e o evento contará com a presença de amigos, parentes, vizinhos, comadres, compadres, eventualmente alguma rezadeira, além da distribuição de refrigerantes e alguma comida, como o *tamal*; todos os que comparecerem à oração levarão alguma vela ou alguma contribuição em dinheiro. As muxes também podem organizar orações em suas casas, serão convidadas para esse tipo de evento, poderão ajudar na preparação de *tamales* ou na decoração dos altares, por exemplo. Elas são bem recebidas nas igrejas, podem ser solicitadas como padrinhos ou madrinhas, são responsáveis pela decoração de casamentos e batizados, são excelentes na arrumação de altares e sempre requisitadas em seus serviços. As muxes, muitas vezes, são devotas fervorosas e, como qualquer juchiteco, sempre cuidam e decoram seus altares pessoais. (BARBOSA, 2016, p. 11-12)

As muxes também desempenham um papel importante na Igreja Católica. É seu trabalho preparar as decorações da igreja, com artefatos religiosos católicos, indígenas e que também pagãos, isso porque é permitido e respeitado o espaço para diferentes crenças e performances da fé. Em entrevista à BBC do título “Identidade de gênero: a comunidade mexicana onde há mais do que homens e mulheres”, assinada por Ola



Synowiec, Avendaño declara: “Em Tehuantepec, minha cidade natal, elas têm sua própria irmandade na igreja” (AVENDAÑO apud SYNOWIEC, 2019, p. 6). Explica que a Igreja Católica sabiamente acomodou a tradição das muxes, que é tão forte e enraizada na cultura local, se tratando de um sincretismo religioso e cultural. As mais importantes celebrações das muxes, realizadas há mais de 40 anos, são suas próprias velas. Barbosa nos aponta que há quatro velas muxes principais: “a mais antiga, mais famosa e mais captada pelos meios de comunicação, a Vela de *Las Auténticas Intrépidas Buscadoras del Peligro*; a vela *Baila Conmigo*, (...) e as velas mais recentes, a da *Sociedad Lésbico-Gay* e *Noche Buena*.” (BARBOSA, 2016, p. 21) Ainda sobre a vela das Intrépidas, Miano afirma:

Su presencia social es tan fuerte que celebran una Vela propia: la Vela de las Auténticas Intrépidas Buscadoras del Peligro. Empezada en los 70 como una reunión de amigos de diferentes pueblos, unidos por la misma militancia en el PRI, en pocos años se volvió un gran fiesta muy concurrida y absolutamente popular, sin algún tinte político. El mismo presidente municipal puede ser elegido para coronar la reina. Como dato interesante que marca los alcances de la modernidad y su articulación con la tradición, el show travesti, importado del centro de la república y estrenado por primera vez en la Vela de las Intrépidas, ha encontrado en la población zapoteca un público entusiasta y ha tenido tanto éxito que ha entrado a formar parte de las fiestas de aniversarios y bodas tradicionales como elemento de entretenimiento adicional. (MIANO, 2001, p. 687)

A respeito, o pároco Arturo Francisco Herrera González, ou ‘Padre Panchito’ como é apelidado, declarou em entrevista:

Deus criou a mulher e o homem, mas também criou a natureza humana, e - por favor me perdoe, Deus, se te ofendo - é possível que a natureza criada por ele tenha decidido quem são os humanos. Entre essas pessoas, há homossexuais, e isso é totalmente natural. (...) Deus nos criou à sua imagem, mas cada um de nós é único. Não há dois indivíduos idênticos e temos de respeitar isso. (PANCHITO apud SYNOWIEC, 2019, p. 6)

As velas muxes tem o apoio da igreja católica, seja no início ou no final de suas velas, há sempre uma missa celebrada e os padres, de modo geral, têm um discurso de acolhimento à diversidade. Mas já ocorreu de alguns padres recriminarem e procurarem ‘educar’ os ‘costumes excessivos’ das muxes, como o exagero ao álcool, as brigas, intrigas e competições entre elas, etc. Barbosa descreve um acontecimento muito lembrado em Juchitán, a origem da vela *Santa Cruz del Cielo del Club Baila Conmigo*,



nesta ocasião as muxes foram alertadas pelas autoridades da igreja local que só poderiam terminar sua *regada* se chegassem vestidas de homem. Elas evidentemente não obedeceram, preferindo não terminar na igreja com a consagração da missa, até hoje sua *regada* é concluída em uma esquina da sétima sessão, onde tudo teve início. Se por um lado as muxes são tidas como trabalhadoras, lutadoras, filhas dedicadas, hábeis artesãs, engraçadas, divertidas, festivas e valentes, por outro lado, carregam a fama de mentirosas, enganadoras, briguentas, ousadas, atrevidas, bêbadas e fofoqueiras. Apesar das muxes lutarem e ocuparem seus espaços na comunidade, terem prestígio e respeito com seus trabalhos e funções culturais e sociais, acreditar que as muxes são aceitas de olhos fechados pela tradição religiosa católica seria algo tido como ingenuidade. “A muxe é quase um cartão de visita do Istmo de Tehuantepec, mas, ironicamente, um homem quase nunca se casará com a muxe, e os comportamentos e eventos relacionados a ela são tidos como destoantes da tradição, da família, dos bons costumes.” (BARBOSA, 2016, p. 10)

É impossível notar o protagonismo das muxes em suas velas, com seus vestidos floridos e bordados [as vezes também usam vestidos de estilo ocidental]. Há também aquelas com roupas masculinas, mostrando seu status apenas com uma maquiagem simples e unhas pintadas. As velas das muxes atraem um público não só de todo o estado de Oaxaca, como de outros estados e países. Também contam com a coroação de uma rainha, com desfiles e shows travestis¹⁵ onde imitam cantoras famosas, principalmente dos Estados Unidos e do México. Grande parte da população vai atraída por esses shows, Barbosa afirma que as velas das muxes não são ambientes de segregação em nenhum sentido, participam todos os setores da população, de vários estratos econômicos e de várias seções, sejam casais heterossexuais, senhoras já mais velhas, crianças ou muxes.

As velas são um cenário importantíssimo no qual se refletem diversos aspectos da vida muxe. A vela é uma porta de entrada para a realização do

¹⁵ Podem encontrar documentários e vídeos sobre as velas das muxes em: Vela Muxe (4K) / Mexico Travel Vlog #264 - https://www.youtube.com/watch?v=Ojd_pD6RvL0&t=923s; Majestuosa Vela Muxe 2015 - <https://www.youtube.com/watch?v=TPiabnSZm4E>; Fiesta de la Muxe PEREGRINA VERA 32 años de vida - <https://www.youtube.com/watch?v=O9dUFxp0nhs>.



trabalho de qualquer pesquisador, porque é aí que se pode vislumbrar, de maneira conjunta a importância do comércio; a presença da cerveja e das empresas cervejeiras na cidade; a economia voltada para as festas e o aspecto da reciprocidade; as relações de gênero; a importância do vestido regional. Entretanto, um estrangeiro que chega apenas com o objetivo de fotografar a vela talvez não possa captar todas estas nuances: disputas, invejas, ciúmes, brigas, divisões, preconceitos, além de todos os detalhes que estão relacionados ao trabalho sem fim que é realizar uma vela. (BARBOSA, 2016, p. 22)

O fato de as velas das muxes terem suas santas padroeiras, a presença de missas, procissões e padres, esse não é um fator reconhecido como um advento colonial, mas sim o reconhecimento de um sincretismo mútuo, havendo uma valoração tanto das religiões de matrizes europeias (o catolicismo) como também das matrizes indígenas zapotecas, o que faz com que a região de Juchitán seja um espaço de diversidade não apenas de gênero e sexualidade, mas também religioso e cultural. O que muitas vezes pode ser visto, aos olhos do movimento decolonial, como intrusão colonial, o uso do sincretismo nessa região e a relação que as muxes estabelecem com as religiões, eu diria que é muito mais uma práxis [uma ação] subversiva do que proveniente de uma repressão colonialista, na medida em que se expandi o olhar sobre o indivíduo sul-americano, ameríndio, que vai além de apenas passivos colonizados. O uso de outras narrativas integradas à religião colonial, por assim dizer, na construção de outros espaços, está presente em Juchitán, um exemplo é a prática de ‘bruxaria’: “A devoção católica das muxes, como para o caso de outros juchitecos, não está em conflito com as práticas da bruxaria, com as consultas feitas às cartas e com os cultos dedicados à Santa Muerte.” (BARBOSA, 2016, p. 12) A autora coloca em nota de rodapé:

A bruxaria, no México, de modo geral, pode ter influências muito fortes da *santería* cubana, de elementos locais indígenas e do culto à Santa Muerte. Em Juchitán, ocorre também esse tipo de sincretismo que se observa em outras partes do país. Da *santería* cubana, um elemento marcante é a devoção a orixás como Iemanjá (Yemanjá), Oyá, Xangô (*Chango*) e Oxum (*Ochun*); alguns elementos indígenas sempre presentes são as curas e limpezas por meio de ervas sagradas e o diagnóstico de enfermidades com ovos; o culto à Santa Muerte (uma das santas mais populares do México, representada por um esqueleto), que não necessariamente é adorada por todos os praticantes de bruxaria, em si, combina muitos elementos católicos em sua estrutura. A utilização das cartas como oráculo também é bastante presente no sistema local, além do extenso uso de velas e de pós mágicos. De modo geral os



bruxos e seus clientes são vistos com temor pela população, e há muitas disputas entre famílias, devido a feitiços, disputas que atravessam gerações. A prática da bruxaria nunca é incompatível com a prática católica, mas o que, sim, é irreconciliável, é a combinação de prática de bruxaria com prática evangélica. Ou seja, é possível que um devoto católico se interesse por práticas ou devoções ligadas à bruxaria, mas isso é improvável da parte de um devoto evangélico, que normalmente evitará um contato muito estreito com os praticantes da bruxaria. Os devotos católicos e evangélicos podem sempre manter relações afetivas e de vizinhança, mas de modo geral os católicos criticarão os evangélicos pelo excesso de restrições – por exemplo, eles não participarão das festas locais, não beberão com todos, e isso pode ser motivo de desafetos. (BARBOSA, 2016, p. 10)

Outro exemplo de perfeita tradução de sincretismo religioso é a Igreja de San Juan Chamula dos povos indígenas da região de Chiapas, no sul do México, próximo a Oaxaca. Os símbolos e ritos não convencionais do catolicismo, os santos católicos vestidos com roupas indígenas maias e levando espelhos em suas roupas (considerado um portal para a cultura indígena da região), no chão da igreja flores e folhas cobrem o piso de ladrilhos. O padre só aparece uma vez por mês para realizar um evento de batismo, nos outros dias quem conduz os rituais são curandeiras(os) locais. Não há bancos, cada um que entra faz seu ritual, sua oferenda, sua prece, enquanto rezam na língua local ao lado de suas coloridas velas que derretem pelo piso. Durante o ritual, indígenas bebem coca-cola (uma crença de que o refrigerante levaria embora todo mal) ou tomam um licor chamado *posh*, que para os locais é um medicamento contra muitas enfermidades físicas e também para a alma. Não é estranho ver crianças bebericando esta bebida, tudo faz parte de um ritual. Há também sacrifícios de galinhas fora da igreja, ao lado do cemitério que pertence a igreja e fica próximo, os sacrifícios são feitos logo depois de as mulheres levarem suas galinhas dentro da igreja para benzer e defumar com fumaça de ervas usada em rituais de purificação. Ao entorno da igreja existem muitas feiras vendendo de tudo para os viajantes fazerem sua própria purificação. Conta-se que os missionários evangélicos até tentaram reverter a situação, mas em vão, os indígenas desta área são famosos por sua rebeldia [ou resistência],



preferiram seguir sua fé com as crenças e saberes adquiridos das civilizações milenares antes deles.¹⁶

Esse tipo de sincretismo entre catolicismo e culturas indígenas pode ser visto não somente no México, mas como em muitos países da Abya Yala¹⁷, como por exemplo o santuário da Defunta Corea em Vallencito, a menos de cem quilômetros da Cidade de San Juan na Argentina. Citado pela escritora Camila Villada em seu livro *Soy una tonta por quererte* (2022), (traduzido para o português e lançado na Feira Literária Internacional de Paraty - Flip do mesmo ano, *Sou uma tola por te querer*), o santuário é frequentemente visitado pelas travestis de Córdoba que fazem caravanas até lá, é a Defunta Corea a santa das travestis e transexuais:

a figura da Defunta Correa ganhou uma dimensão de santidade que escapou à Igreja Católica, e foram-se assentando as pedras do que seria um santuário muito popular onde gente muito humilde deixa oferendas de sua fé. Miniaturas de casa, vestidos de noivas, ramos de flores de plástico, placas de prata e de bronze, relógios, pingentes, cruces, fotografias, garrafas d'água. (VILLADA, 2022b, p. 11)

Ainda sobre as velas muxes, essas festas que envolvem culturas, religiões, gêneros e sexualidades, muitas muxes passam anos economizando para serem rainhas, inclusive algumas realizam procedimentos como o implante de próteses de mama para seu reinado. Também precisam arcar com todo o custo da festa: o grupo musical, a confecção dos vestidos - sempre originais e vistosos -, a decoração, as flores, etc. Além de se responsabilizarem por diversos outros detalhes que envolvem muito trabalho, tempo e toda a comunidade junta. Normalmente, as famílias ajudam bastante as muxes nesses preparativos.

¹⁶ Utilizei como referencia de pesquisa o documentário “San Juan Chamula, Chiapas Mexico” (2018). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FVALIFg7ITU&t=18s>. Acessado em: 25/05/2023.

¹⁷ No Brasil tomamos o sincretismo entre o catolicismo e religiões de matrizes africanas, como é o caso da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito, localizada em Paraty - RJ; e a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no Largo do Pelourinho em Salvador - BA, onde há até hoje missas com giras de candomblé, saídas de reis, cânticos com atabaques e banho de pipoca. Entre outras. Disponível em: <https://www.salvadorbahia.com/experiencias/igreja-nossa-senhora-do-rosario-dos-pretos/>. Acessado: 22/06/2023.



Elas economizarão e mobilizarão todos os seus amigos e parentes para que possam ‘luzir’. Como diziam minhas interlocutoras, ‘tudo pela puteria’¹⁸. Uma rainha pode ser famosa durante muitos anos, devido aos seus vestidos, devido às inovações, devido ao seu carro alegórico na regada etc. Normalmente, haverá disputas infinitas em uma vela muxe: todas gastarão muito dinheiro para que possam ‘luzir’ os melhores vestidos, os melhores penteados, as melhores ideias. Há muxes que recorrem ao vestido tradicional regional, mas o mais comum atualmente são ideias originais do mundo nacional e globalizado, no caso das muxes diaspóricas, principalmente. (BARBOSA, 2016, p. 23)

Há uma espécie de brincar das muxes entre si, que me lembra um fazer que é típico das *drag queens* e travestis, o deboche, a ostentação, as apresentações ácidas, divertidas, os simulacros - no qual as estéticas corporais que usam não pertencem naturalmente às mulheres, embora seus signos contêm do feminino -, a fofoca e os desafios entre si, etc. Brincam com os limites do gênero, são personagens que subvertem as lógicas do padrão cisgênero heteronormativo. Barbosa afirma que muito da vida das muxes pode ser dedicado ao fazer “os outros *putos* se arderem”, as muxes precisam luzir, principalmente em sua performance feminina, e isso quase sempre é feito apelando ao deboche, ao “ofuscar outras muxes” (BARBOSA, 2016, p. 23). Como em uma batalha de Alta Performance de *drag queen*, trans e travestis nos bailes e na cultura ballroom¹⁹ presente no Rio de Janeiro - que acontecem em vários bairros diferentes, como Lapa, Centro, Lagoa, Madureira, Pavuna, Campo Grande, Penha, etc -, o deboche [o *shade*²⁰ na comunidade LGBTQIAPN+] é o salto alto de todxs que entram na pista. Como a famosa frase das travestis nas noites cariocas: ‘Sou garota, filha do abuso, neta de deboche e bisneta do afronto’. Nunca soube quem iniciou essa frase, mas

¹⁸ A autora descreve em nota na página 23: “*Puto* é um tipo de insulto que equivaleria ao de bicha e que é re-apropriado pelas muxes entre si, de maneira carinhosa.” (BARBOSA, 2016, p. 23).

¹⁹ Tenho como referência a Casa de Cosmos (@casadecosmos), como exemplo de performance drag, trans e travesti, runway (desfile temático, batalhas em que xs participantes buscam ‘servir a realness’ do tema, ou seja, interpretar um tema definido do jeito mais convincente possível) e cultura ballroom - comunidades onde há arte, dança, criatividade e família; também um lugar de troca de afetos, conscientização, politização, acolhimento e acesso aos serviços de proteção ao HIV. Muito mais do que apenas festas, o movimento ballroom é uma forma de refúgio, um lugar seguro para a população LGBTQIAPN+. A cultura ballroom surgiu na comunidade negra latino-americana LGBTQIAPN+ de Nova York nos anos 60, e se espalhou pelo mundo como um movimento político, de ocupação de espaços e de celebração da diversidade de gênero, sexualidade e raça. Existem casas que compõem o movimento ballroom em vários estados brasileiros, o movimento tem crescido bastante nos últimos anos.

²⁰ No documentário *Paris Is Burning* (1990), *shade* é uma gíria dentro das batalhas, desfiles e festas, significa deboches e/ou indiretas para xs adversárixs. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mBVBipOI76Q>. Acessado em: 17/07/2023)



a aprendi nas ruas da Lapa. Também nas esquinas da Rua Augusto Severo no bairro da Glória-RJ, onde morei durante quase três anos: ‘uma travesti com o seu deboche é uma arma poderosa’, quase uma navalha.

Diziam minhas interlocutoras que as muxes ‘se viboreiam entre si’, ‘se comem entre si’, o que é verdade: há muitas fofocas, há muita inveja, há muita bruxaria, há muitas brigas, há muitas mentiras. Eu cheguei a presenciar, em uma ocasião, a suposta morte de uma muxe amiga minha - um carro de som passou por todas as ruas anunciando a morte dessa muxe, e chegaram parentes de fora da cidade para seu velório... até descobrirem que se tratava da intriga de outra muxe que tinha ressentimentos antigos com ela. É preciso aprender a mentir, a calar, a omitir, a não levar a fofoca adiante, a diferenciar entre a verdade e a fofoca, a ler a verdade na fofoca. Por outro lado, mesmo as muxes que tenham suas distinções ou disputas (se são muxe-homem ou muxe-mulher, se são de sessões distintas, se são sócias de velas que se disputam, se são de classes econômicas diferentes etc) nunca deixarão de falar-se ou de frequentar-se - não por tanto tempo. No fim das contas, sempre há outros fatores que as unirão, como a própria identidade muxe (geralmente em oposição às pessoas que não são muxes) e as relações de parentesco e de vizinhança. (BARBOSA, 2016, p. 23)

O deboche é uma forma de expressão muito utilizada pelos grupos e pessoas LGBTQIAPN+ para reivindicar seu poder e resistir às normas sociais e de gênero/sexualidade. Em *O Parque das Irmãs Magníficas*, de Camila Sosa Villada, a personagem Camila afirma: “A chuva de gracejos e provocações é a maneira de dar boas-vindas. Ninguém entende isto: ninguém entende os limites nem os mecanismos de confiança e desconfiança na intuição travesti.” (VILLADA, 2022a, p. 74). As provocações, gracejos e deboches são também uma espécie de batismo, quando se é aceita por um grupo de travestis e/ou trans, muito recorrente entre grupos e comunidades LGBTQIAPN+, como também nas famosas batalhas *queer* de vogue e stiletto. Um mecanismo de empoderamento, uma estratégia utilizada por alguns grupos marginalizados para desafiar estereótipos, preconceitos e discriminação. Por exemplo, alguns(mas) utilizam o humor e o sarcasmo para reverter as expectativas sociais, questionar normas de gênero ou combater a homofobia e a transfobia. É o deboche uma maneira de reivindicar espaço, desafiar as narrativas dominantes e proteger-se diante de



situações opressivas. Como diz Amara Moira²¹, “O deboche que fica no limiar entre a brincadeira e a brutalidade, (...) uma das características mais emblemáticas do nosso jeito de (r)existir.” (MOIRA, 2022, p. 8)

Barbosa afirma: “Viver entre as muxes pode ser divertido, alegre, desesperador, doloroso. As histórias são únicas, e é muito difícil descrever um padrão de subjetividade muxe comum.” (BARBOSA, 2016, p. 23) Me lembro da frase da personagem Angie, do livro *O parque das irmãs magníficas*, que dizia a suas amigas [assim como ela, transexuais que trabalhavam no Parque Samiento como prostitutas]: “Ser travesti é uma festa, meu amor, olhe para todas as outras que estão olhando pra gente”. A personagem logo depois aponta para uma mesa cheia de garotas héteros, brancas e burguesas, sentadas em um bar na noite de Córdoba, todas as encaravam como se fossem extraterrestres. Angie continua, “Elas já quiseram dar o que nós damos, vida minha. Porque nós damos amor” (VILLADA, 2022a, p. 138). Essa é a escrita da Camila Villada, repleta de magia, violência e ternura, narrada por uma jovem trans, de sinceridade brutal sobre a vida das travestis e seus romances. Sem querer romantizar a vida de uma mulher trans ou travesti que trabalha na noite - Angie morre de Aids na narrativa de Villada, como tantas outras na vida real -, mas em uma sociedade que as ensina desde pequena a odiar os próprios corpos, a odiar a si mesmas, odiar a própria existência, ter a coragem de amar-se e permitir ser amada é em si um ato revolucionário. Como diz Frida Pascio Monteiro²², “Ensinar-nos a nos odiarmos, mas nós resistimos e resolvemos amar-nos e amar aos outros.” (MONTEIRO, 2022, p. 13) O tema dos afetos, a alegria compartilhada, as festas, os risos e deboches inseridos no meio de tantas violências, é parte fundamental nas vivências de mulheres travestis, transgêneras e transexuais.

Mesmo que as muxes sejam consideradas um elemento da cultura juchiteca, referente ao seu modo de vida, não é possível [ou não seria correto] afirmar uma

²¹ Travesti, feminista, doutora em Teoria e Crítica Literária pela Unicamp e autora dos livros *E se eu fosse puta* (2016) e *Neca + 20 poemets travessos* (2021).

²² Mulher transexual, licenciada em Letras Português e Inglês. Graduada em Letras Português e Espanhol e em Pedagogia. Mestra em educação Sexual e doutoranda em Teoria e Estudos Literários, ambas pela UNESP.



essência ou padrão muxe, já que este ainda se encontra em construção [e talvez este seja o grande princípio muxe: a fluidez contida na performance de gênero muxe] e conta com muitas dissidências, principalmente no que se refere à sexualidade, isso devido a crescente influência de outras sociedades, os movimentos LGBTQIAPN+ e as discussões de gêneros e sexualidades atuais. Há muxes e muxes e, ainda que alguns(mas) autores(as) tentem dar coerência a esta categoria identitária, a verdade é que muxe é um gênero fluido e inoperante à lógica dominante, é impossível pensar o gênero muxe fora de sua cultura. “Talvez o único fator que de fato reúna todas as muxes seja a transgressão” (BARBOSA, 2016, p. 23)

Fora de suas comunidades a recepção às muxes não é muito boa. Biiniza Carrillo, em entrevista a Marina Meneses (2014), diz: “aquí hay mucha gente que me quiere, entonces pienso, qué pasaría conmigo si salgo a trabajar fuera? (...) Será que saliendo a otro lugar aprenderé más? A veces pienso que no hay necesidad de arriesgarme tanto.” (CARRILO apud LA FASCINANTE, 2014, transcrição minha)

Muitos indivíduos muxes que saem de suas comunidades para tentar viver na Cidade do México não são reconhecidos, não podem ter um documento com seus nomes de batismo, quando são apresentados para a comunidade como muxes. As muxes com vestimentas de mulher dificilmente conseguirão ocupar um cargo público, um trabalho regulamentado ou se casar, a grande maioria vira prostituta, é assassinada ou volta doente. É notável que, nas civilizações consideradas ‘modernas’ e ‘evoluídas’, as grandes capitais, dentro dos modelos heteronormativos e padrões de gêneros, as muxes não passam de homens travestidos de mulher e os lugares destinados a elas são sempre os mais subalternos, vistos como seres inferiores, como anormais, monstruosidades, pecadores diante da reprodução da vida, etc. Diferente das comunidades Zapotecas, onde muxes são pessoas virtuosas e abençoadas, nas civilizações guiadas por um sistema moderno-colonial-ocidental os trabalhos destinados a elas transitam da exploração à servidão. Suas humanidades, seus saberes, sua cultura e subjetividades são subjugados.



Amaranta Gómez Regalado²³, antropóloga social, muxe/trans, é um dos poucos exemplos contrários ao que geralmente ocorre a uma pessoa muxe que decide ir viver na capital. Em 2003, com seus 25 anos, chamou a atenção da mídia internacional com sua candidatura ao congresso do estado de Oaxaca. Amaranta Regalado não chegou a se eleger, mas participa ativamente de vários projetos que visam a comunidade muxe, LGBTQIAPN+ e também indígena, se tornando membro do Comitê Estadual contra a Homofobia. Em entrevista à Casa de América, destaca que a pesar das situações hostis que vive o território Abya Yala, os colectivos tem alcançado grandes mudanças: “Es muy importante la celebración de las identidades de género y de los derechos y reconocimientos conseguidos”. (REGALADO, 2019, transcrição minha)

Como já foi dito a cima, não podemos pensar o gênero muxe a partir do ideal de ‘paraíso *queer*’, ou como ‘um paraíso do gênero não binário’, mas sem dúvida representa uma disruptura, pelo menos em relação a sociedades patriarcais e engessadas ao gênero binário e na heteronormatividade compulsória. O gênero muxe nos possibilita pensar em outras estratégias para a construção de uma sociedade que respeite e valorize a diversidade, em uma maior liberdade de expressão das sexualidades e dos gêneros. Mesmo que hajam análises que pensem a infiltração do ocidente e suas influências inseridas nas relações contemporâneas nas comunidades zapotecas de Juchitán, como diz Barbosa, “a experiência muxe é caracterizada por uma profunda ambivalência entre o modo de vida zapoteco mais arraigado e o mundo mexicano mais nacionalizado e as influências estrangeiras”. Sem dúvida, o que vem chegando há séculos, por meio de visitantes estrangeiros e imigrantes no Istmo, modifica em parte as estruturas e as formas de viver daquela comunidade. Isso sem dúvida vem influenciando também a identidade muxe, “não só no que se refere à relação com o corpo e às vestimentas, por

²³ Primeira candidata muxe/trans a deputada federal reconhecida pelo Instituto Federal Eleitoral Mexicano com o nome que expressa sua identidade de gênero; Ex-secretária regional da ILGA-LAC; Ex-copresidenta do International Trans Fund (FIT); Ex-secretária técnica do Primeiro Conselho Municipal contra a Discriminação em Xalapa, Veracruz. Atual Secretária Regional da Secretaria Internacional dos Povos Indígenas sobre HIV, Sexualidade e Direitos Humanos (SIPIA); Atual Membro da Assembleia Cidadã do Conselho Nacional para Prevenir e Eliminar a Discriminação no México (CONAPRED) e atual Co-secretária da Coalizão Mexicana LGBTTTI. Amaranta Gómez Regalado também é pesquisadora social e colunista. (Disponível em: <https://www.awid.org/es/gente/amaranta-gomez-regalado>. Acessado em: 23/07/2023.)



exemplo, mas na participação em eventos mais amplos e difundidos como as paradas LGBT nas grandes cidades (o que é recente na comunidade muxe) e na própria concepção do que é ser muxe.” (BARBOSA, 2016, p. 29) No entanto, o gênero muxe de Juchitán e sua lógica local e comunitária, representam uma atitude de estar no mundo que no mínimo bagunçam as relações sociais, religiosas e as construções de gêneros e sexualidades ocidentais.

Referências

BARBOSA, Luana. “Muxes: entre localidade e globalidade transgeneridade em juchitán, istmo de tehuantepec”. In: **Revista Mandrágora**, v. 22. n. 2, 2016, p. 5-30.

BOTTON, Viviane Bagiotto. Muxes: gênero e subjetivação, entre a tradição e as novidades. **Ecopolítica**, 17: jan-abr, 2017. p. 19-32.

CEPPAS, Filipe. “Oswald contra o Patriarcado. Antropofagia, matriarcado e complexo de Édipo”. In: Léa Silveira; Alessandra Parente. **Freud e Patriarcado**. 1ed. São Paulo, 2020.

INANNA, Jéssica. “Dois-espíritos ’e a diversidade de gênero nos povos nativos da América do Norte”. In: **Esquerda Online**. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2020/12/15/dois-espirtos-e-a-diversidade-de-genero-nos-povos-nativos-da-america-do-norte/>. Acessado em: 28/10/2021.

LA FASCINANTE HISTÓRIA DE LOS MUXHES. **GOBAPP**. 1 vídeo (13:50min). 4 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D2XyrHfKhas&list=PLENTE7ARO9MLhfiC6K3sflLE-p4CLisyN&index=13>. Acessado em: 18/10/2021.

LANZ, Letícia. **O CORPO DA ROUPA: A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Dissertação Mestrado (UFPR). CURITIBA, 2014. pp. 342.

MIANO, Mariella. **Hombre, mujer y muxe’ en el Istmo de Tehuantepec**. México: Plaza y Valdés, 2002.



MIANO, Mariella. “Género y Homosexualidad entre los Zapotecos del Istmo de Tehuantepec: El Caso de los Muxe”. In: **IV Congreso Chileno de Antropología. Santiago de Chile**: Colégio de Antropólogos de Chile A. G, 2001.

MIRANDÉ, Alfredo. **Behind the Mask Gender Hybridity in a Zapotec Community**. Tucson: The University of Arizona Press, 2017a.

MOIRA, Amara. “O milagre da existência travesti”. In: **Revista Tag Curadoria**. Tag Livros, Março, 2022, pp. 8-10.

MONTEIRO, Frida Pascio. “Entre os afetos e o grotesco”. In: **Revista Tag Curadoria**. Tag Livros, Março, 2022, pp. 11-13.

REGALADO, Amaranta Gómes. In: **Casa de América**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S6H8R2u-9Iw>. Acessado em: 27/07/2023.

RYMPH, David. **Comportamento entre sexos em uma aldeia do Istmo Zapotec**. Estudo apresentado durante a conferência anual da American Anthropological Association. México: 1974.

SUÁREZ, Águeda Gómez; MIANO, Marinella. “Dimensiones discursivas del sistema de sexo y género entre los indígenas zapotecas del Istmo de Tehuantepec (México)”. In: **Papers 88**, 2008. Pp. 165-178.

SYNOWIEC, Ola. “Identidade de gênero: a comunidade mexicana onde há mais do que homens e mulheres”. **BBC**. 4 fev. de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-tra-47004853>. Acessado em: 18/10/2021.

VARGAS, Pablo Céspedes. **Muxes at work: between community belonging and heteronormativity in the workplace: Gender expressions in the context of a local and globalized economy in Juchitán de Zaragoza, México**. (Tese de doutorado). The Hague, The Netherlands December, 2015.

VILLADA, Camila Sosa. **O parque das irmãs magnificas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022a.

_____. **Sou uma tola por te querer**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022b.